

ALUNOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO: INTEGRAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Aline Bazzarella Merçon¹

Manuel Ferreira Rodrigues²

Nobre dos Santos³

Resumo: O presente artigo foi concebido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivos: conhecer a comunidade de alunos brasileiros da Universidade de Aveiro-Portugal, a sua identidade, origem e expectativas; analisar o processo de integração destes estudantes e identificar as representações sociais dos mesmos sobre a sua integração acadêmica. A partir do pressuposto que a diversidade trazida pelos imigrantes é um fator de desenvolvimento socioeconômico e cultural, pretendemos compreender a presença destas comunidades no contexto acadêmico europeu. A metodologia utilizada é composta por três técnicas: recolha de dados, tratamento estatístico e análise de conteúdo. O nosso estudo é empírico e baseia-se numa pesquisa quantitativa.

Palavras-chave: Integração; Representações sociais; Alunos brasileiros.

Abstract: This article was designed as part of the Master of Science in Education and its objectives: to know the community of Brazilian students at the University of Aveiro-Portugal, their identity, origin and expectations; analyze the process of integrating these students and to identify the social representations of them on their academic integration. Assuming that the diversity brought by immigrants is a factor of socioeconomic and cultural development, we aim to understand the presence of these communities in the European academic context.

The methodology consists of three techniques: data collection, statistical analysis and content analysis. Our study is empirical and is based on quantitative research.

Keywords: Integration; Social representations; Brazilian students.

Introdução

Atualmente, a população portuguesa é culturalmente diversificada. Não obstante, o processo de integração das minorias étnicas na sociedade portuguesa registra, por vezes, dificuldades, mas nada parecido com o que se passa noutras sociedades europeias.

O interesse pelo tema sobreveio, uma vez que o universo e a realidade da comunidade dos estudantes brasileiros da Universidade de Aveiro, em nenhum momento foi objeto de estudo, sendo um assunto inovador. Nesse contexto, estendem-se os debates sobre a efetiva inserção das diversidades no ensino superior e a relevância da educação intercultural,

¹ Mestre da Universidade de Aveiro Portugal. E-mail: alinebmercon@hotmail.com.

² Professor Doutor do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. E-mail: mfr@ua.pt.

³ Professor Doutor do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. E-mail: mfr@ua.pt.

promovendo a formação humana, profissional e cultural dos jovens estrangeiros para o desenvolvimento das suas capacidades transformadoras.

Verificamos, concisamente, a abordagem teórica sobre os diferentes conceitos e funções de integração e representações sociais, justificando a importância dessa noção para considerar os sistemas de interpretação que regulam nossa conduta e a construção de nossas identidades, compreendendo as convicções dos alunos brasileiros em sua vida acadêmica.

Na nossa perspectiva, é fundamental e indiscutível a presença do diálogo intercultural no ensino superior, assegurando o sucesso dos relacionamentos e a plena integração dos estudantes. Assim, parece-nos urgente uma reflexão partilhada dos resultados desta pesquisa, de modo a que todos os alunos estrangeiros da Universidade de Aveiro possam encontrar respostas para as suas interrogações e necessidades.

Integração Social e imigração

A integração pode ser entendida de várias formas.

O termo “integração” é relativamente recente. Como muitas outras palavras, tem um sentido vulgar e comum, antes de ter uma significação técnica em sociologia. *Integrare* significa ou renovar ou tornar inteiro. Em inglês *integration* é a ação de tornar inteiro. Em espanhol *integración* é a reunião ordenada dos diversos componentes que formam um conjunto (Birou, 1982: 210).

O espírito humano tem tendência em agrupar-se naturalmente. No domínio sociológico entende-se esse agrupamento como “a adaptação das partes ao todo, sendo as partes os membros ou os microgrupos e o todo ou a sociedade global” (idem). Logo, a integração social tem um carácter organicista e corresponde às necessidades vitais da sociedade, assumindo o papel da ação de agregação aos agentes de diferenciação.

A integração exprime-se por normas, hábitos e correntes de opinião dominantes (modelos socioculturais de conduta). Esta definição insiste sobre a noção de concordância e de discordância, de grau de adesão e de desvio, sem tentar interpretar a integração em função dos valores positivos e negativos da sociedade global (idem: 210-211).

A maneira como participamos da vida cotidiana na sociedade define o grau de integração do indivíduo no grupo. Suas afinidades e o ajustamento recíprocos fazem com que a pessoa se sinta integrada. A integração não pode ser encarada de forma geral, pois os indivíduos podem ao mesmo tempo pertencer a vários grupos na sociedade globalizada. Existem muitas formas de integração, de socialização e de inter-relações ou de choques entre esses aspectos e a sociedade global. Contudo, não podemos citar as causas e as condições da integração ou de má integração sem associar o nível na realidade social, em que o indivíduo se encontra ou a forma de agrupamento mencionado (Birou, 1982).

Diante de um cenário de heterogeneidade cultural em que as sociedades se encontram, “é necessário proceder à integração dos sujeitos que fazem parte deste quadro. Sendo esta

integração designada como o modo como os atores são incorporados num espaço social comum” (Pena Pires, 2003, apud Sérgio, 2007: 24). Cada organização social tem suas particularidades em integrar os grupos, umas como elemento da natureza, outras como conteúdo da consciência.

É devido a esta dupla dimensão (dado da natureza e conteúdo da consciência) que o termo “integração” é equívoco, pois, como dado da natureza, equivale à inserção dos indivíduos num meio sociocultural, à pertença ou submissão a quadros, estruturas e condicionamentos sociais. Como conteúdo de consciência, constitui a assimilação à personalidade, a consciência vivida dos valores e das normas socioculturais (Birou, 1982: 211).

No âmbito da integração entre grupos e contextos culturais diferenciados apresentamos os exemplos do assimilacionismo e do comunitarismo. No caso do assimilacionismo, analisamos a fuga em massa dos imigrantes europeus, ao final da Segunda Guerra Mundial, para América Latina (Argentina, Uruguai e Brasil). Esses aportavam no novo continente e necessitavam participar e integrar-se ao atual contexto. O processo de assimilação foi a maneira encontrada pela escola pública dos países receptores para integrar e dar acesso a nacionalização dos imigrantes recém chegados. Hoje, nas sociedades europeias e norte-americanas a situação é diferente, pois os imigrantes encontram resistências na sua integração tanto no contexto social como educacional; percebe-se que a receptividade não ocorre como nas migrações europeias do período da Segunda Guerra (Touraine, 1997).

No caso do comunitarismo, com a atual inversão das migrações dos países do sul para os do norte, verificamos que a solução adotada pelos Estados Unidos da América e Europa é “a manutenção da população imigrada com um estatuto à parte ou a sua organização em comunidades localmente homogêneas e autocontroladas” (Touraine, 1997: 255). A partir do comunitarismo, as populações imigradas são agrupadas, essa foi a forma utilizada pelo estado para integrar os imigrantes e organizá-los no mesmo local sendo facilmente identificados. Deste modo, as diferenças étnicas, linguísticas, comportamentais, sociais e econômicas tornam-se mais visíveis, alimentando uma tendência, principalmente dos jovens, em afirmarem-se através de protestos o que pode “tornar mais prováveis os choques intercomunitários” (idem). Contudo, percebemos que nenhuma das duas opções (o assimilacionismo ou o comunitarismo) é a mais prudente para lidar com uma sociedade multicultural.

A primeira pretende basear as culturas particulares na unidade de uma cultura nacional identificada com o universal; a segunda respeita a pluralidade das comunidades, mas não estabelece comunicações entre elas e, sobretudo, não tem qualquer meio de reagir contra as relações de desigualdade e de segregação que se criam em detrimento das comunidades minoritárias ou daquelas cujos membros são os mais pobres ou os menos qualificados (Touraine, 1997: 255, 256).

Nesse sentido, julgamos não existir espaço nas sociedades pluriculturais para a negação do outro e suas disputas religiosas, étnicas, políticas e sociais. Os sujeitos clamam por uma vida conjunta pacífica e produtiva combinadas com as liberdades e reconhecimento

das diversidades. “A integração é o processo gradual pelo qual os novos residentes se tornam participantes ativos na vida econômica, social, cívica, cultural e espiritual do país de imigração” (Perotti, 1997: 49). O indivíduo é um ser que não deve ser tratado como dessocializado, a crise do individualismo (comportamentos individuais) e o tribalismo, são formas de desintegração e de violência gerando a segregação étnica que “impedem o indivíduo de agir como sujeito, que decompõem a sua personalidade, que o impedem de ligar o seu passado e o seu futuro, a sua história pessoal e uma situação coletiva, e que o agarram a um vício” (Touraine, 1997: 351).

A ideia é avançar cada vez mais na reunião de culturas diferentes, na experiência e no projeto de vida das sociedades, para alcançar o resultado que seria ajustar a integração social e o reconhecimento cultural. Exige-se a interiorização de valores, crenças e convicções para a comunicação intercultural descomunitarizada a fim de combater o racismo e a xenofobia (Touraine, 1997).

A noção de integração plural é indissociável do aspecto interrelacional, que implica a integração comunicativa, ou seja, a integração entre os instrumentos, o conjunto de relações das sociedades de acolhimento e as comunidades imigradas e vice-versa. A mistura de culturas, sua confrontação e o intercâmbio numa postura de igualdade caracterizam o ideal sociocultural da integração, onde se definiu como a “incorporação de uma parte num todo” (Perotti, 1982: 50).

No âmbito da educação, é fundamental que a política educacional das instituições seja voltada à inclusão e integração dos sujeitos. A UNESCO tem como missão incentivar a educação para todos como uma das prioridades dos Direitos Humanos Universais. Logo, destacam-se alguns acordos mundiais que avançam na garantia desse direito, como a Declaração Mundial de Educação para Todos, resultado da Conferência de Jomtien, Tailândia em 1990, Declaração de Hamburgo de 1997, estendendo-se para a Recomendação de Seul e mais recentemente a Declaração do Milênio de 2000 (Werthein & Cunha, 2000).

Diante desses esforços mundiais, a UNESCO procura intensificar o estímulo ao ensino superior como acompanhamento da expansão da educação básica. Para a UNESCO, um dos desafios relevantes para a democratização do acesso à educação superior é a internacionalização do ensino, pois indica a necessidade atual do entendimento intercultural entre as sociedades. A cooperação internacional “deve estreitar o intercâmbio baseado na parceria e relevância coletiva, deve também apoiar-se no princípio da solidariedade internacional, pois os países em desenvolvimento nem sempre possuem os meios necessários à implementação de projetos estratégicos” (Werthein & Cunha, 2000: 96).

Nessa medida é que consideramos fundamental que as instituições de ensino superior definam políticas cativas de inclusão e integração dos alunos provenientes de outros países.

O ingresso à universidade constitui um grande desafio para os alunos estrangeiros ao nível de suas competências pessoais, sociais e interpessoais. Esses deparam-se com muitas mudanças e uma nova experiência de vida cheia de novidades aos quais necessitam lidar, tais como ausência de familiares, adaptação ao novo sistema de ensino, a nova cultura, o clima, entre outros aspectos. Segundo alguns estudos, muitos alunos estrangeiros do ensino superior “podem experimentar choque cultural, dificuldade de adaptação, com confusão sobre expectativas de papel no novo país, baixa integração social, alienação, dificuldade com

atividades diárias, depressão, ansiedade e discriminação” (Cf. Andrade & Teixeira, 2009). Esses problemas parecem estar associados às dificuldades de integração e de aculturação. A nível individual, é um fenômeno “através do qual o indivíduo vai se socializando na nova cultura e mudando seu repertório comportamental em virtude deste contato com o novo contexto” (ibidem).

De acordo com a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial do Estudante Universitário, desenvolvida por Chickering, o estudante universitário vivencia sete vetores de modificações em seu desenvolvimento psicossocial, que salientamos os seguintes: 1. desenvolver o sentido da competência; 2. desenvolver a integração das emoções; 3. desenvolver a autonomia em direção à interdependência; 4. desenvolver as relações interpessoais; 5. desenvolver a identidade; 6. desenvolver um sentido da vida; 7. desenvolver a integridade” (Pinheiro, 2003, apud Ataíde, 2005: 237).

A Universidade de Aveiro (UA), criada em 1973, é uma referência no tocante ao acolhimento a estudantes estrangeiros, pois sempre buscou participar da visão de conjunto na política social educacional. Possui programas de apoio e incentivo a estudantes estrangeiros que se interessam em ingressar na universidade, com a colaboração do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação das Universidades Portuguesas, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e ainda as embaixadas dos países envolvidos.

Na Universidade de Aveiro existem alunos provenientes de diversos continentes: de toda a Europa, da América do Norte, nomeadamente do Canadá, da Ásia, mormente da China e da Índia, da África e da América Latina, especialmente dos países que têm em comum o português como língua oficial, com destaque para o Brasil.

O Quadro 1 permite ver que não é muito uniforme o crescimento do número de alunos estrangeiros da Universidade de Aveiro, dentre os 748 alunos, 249 (32,3%) são brasileiros e 499 (67,7%) de outras nacionalidades.

Quadro 1. Evolução do número de alunos estrangeiros da Universidade de Aveiro

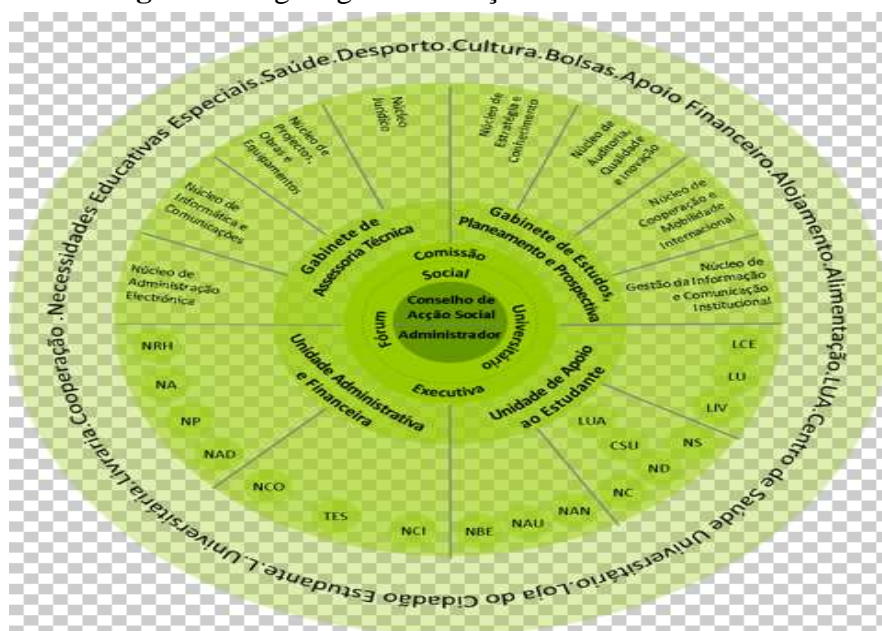
ANO	2000	2006	2007	2008	2009	2010
Nº de alunos	239	423	436	507	642	748
Crescimento Percentual		+77	+3	16,3	26,6	16,5

Alunos matriculados em dezembro dos anos referidos (GPE, UA, 2011).

A Universidade de Aveiro dispõe-se a investir na educação e proporcionar à igualdade de oportunidade para todos através dos serviços de apoio aos alunos - Serviços de Ação Social (SASUA) inaugurado em 16 de maio de 1988, pretende incentivar e promover a integração dos estudantes estrangeiros com o designo de acesso à formação bem sucedida.

A Figura 1 representa o trabalho desenvolvido pelo Conselho de Ação Social da UA que tem como objetivo atender as necessidades dos alunos. Esse inovador organograma caracteriza a extinção da hierarquização entre os órgãos do setor facilitando o diálogo entre os alunos e a universidade. O Conselho de Ação Social deseja acompanhar e aproximar-se dos estudantes minimizando suas dificuldades no processo de integração.

Figura 1. Organograma da Ação Social da UA - 2011



Nesse sentido, a Universidade de Aveiro busca a qualidade do Serviço de Ação Social, através da inclusão e motivações necessárias de acordo com as políticas sociais do ensino superior procurando atender ao bem-estar comum.

Representações Sociais

O entendimento da teoria das representações sociais funcionará como um dos alicerces metodológicos da nossa pesquisa. Neste sentido, utilizamos os estudos de Serge Moscovici, psicólogo social, para compreender melhor este processo. A partir dos seus estudos muitos pesquisadores, tais como Denise Jodelet (1986), Celso Pereira Sá (1996), Jorge Vala (2000), António Martins (2008), entre outros, debatem sobre a definição de representações sociais. Serge Moscovici introduziu o conceito e desenvolveu-o através da Psicologia Social.

Segundo o autor existem

[...] numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática – numa palavra, o poder das ideias – é o problema específico da psicologia social (Moscovici, 2009: 8).

Para compreender a dinâmica das representações sociais necessitamos de acompanhar a forma como o pensamento e o conhecimento se manifestam. Estes são exteriorizados através das expressões de interação e comunicação do ser humano na sociedade e, como tal, transformam-se através do tempo, transmitindo os seus anseios, necessidades, satisfações ou desapontamentos. Estes comportamentos surgem do interesse de determinado grupo por um assunto ou circunstância específica.

A Psicologia Social é o processo pelo qual o conhecimento é concebido, modificado e projetado ao mundo (Moscovici, 2009). Deste modo, o conhecimento toma formas multifacetadas entre os diferentes segmentos que compõem a sociedade e dependendo do meio como se verifica o “processo de difusão, propaganda e propagação. Esse conhecimento (re)criado, em função de sistemas próprios de valor, Moscovici denominou de representações sociais” (Costa & Almeida, 1998).

No contexto da Sociologia, necessitamos aprofundar sobre a origem das representações sociais conhecendo a “Teoria do Fato Social” fundamentada por Émile Durkheim. Essa teoria caracteriza seus estudos delimitando uma separação entre o psicológico e o sociológico. Desde o final do século XIX, Durkheim realizou estudos sobre o conceito das representações sociais, distinguindo representações individuais de representações coletivas. Tendo em vista determinar a Sociologia como uma ciência autônoma, Durkheim foi conduzido a defender a separação desses dois conceitos de representações. O conceito de representações coletivas posteriormente foi utilizado pela escola sociológica francesa.

A partir da década de 60, numa perspectiva sociopsicológica, Moscovici analisa o conceito de representação social e questiona as ideias anteriormente propostas por Durkheim. Moscovici critica a distinção feita por Durkheim, reconhecendo o individualismo como uma representação coletiva na sociedade. Logo, Moscovici defende o carácter das representações como um fenômeno e não como o conceito estático de representações coletivas (Martins, 2008).

Entendemos por representações sociais o conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no desenvolvimento das comunicações, “circulam, cruzam-se e se cristalizam quase incessantemente, através de uma fala, um gesto, um encontro, no universo cotidiano” (Moscovici, 1978: 41). A representação do sujeito passa por uma imagem construída a partir do senso comum, da expressão de uma realidade idealizada em que consiste o outro, nas situações e experiências cotidianas. Justifica-se a partir da decodificação de uma informação ou situação através dos modos de referência dos indivíduos, que os permitem agir de acordo com que julgam ser a realidade. Portanto, “articula a dimensão coletiva do conhecimento com reinterpretação individual ou grupal desse mesmo conhecimento” (Martins, 2008: 51).

Segundo Denise Jodelet (1986), o senso comum é a construção do conhecimento através do agrupamento do conjunto de significados, possibilita o entendimento de fatos novos ou desconhecidos, formando os saberes compartilhados, gerais e funcionais. As representações não se apresentam apenas nos discursos do senso comum, são notadas igualmente nas ciências, nas religiões e em outras formas de conhecimento compartilhado.

Consideramos que as representações sociais são “um processo dinâmico de reconstrução da realidade que transforma uma realidade social em categorias mentais. São dependentes da situação social do sujeito e das relações que estabelece com os outros” (Santiago, 1993, apud Martins, 2008: 53). Essas revelam a nossa percepção face aos acontecimentos, determinando a conexão entre processos simbólicos e condutas. É uma instância mediadora entre o conceito, entendimento, atitudes, comunicação social e atos comunicativos (Martins, 2008).

As representações sociais se estruturam a partir de três dimensões: “informação, atitude e campo de representação ou imagem” (Sá, 1996: 31). A informação é a disposição dos conhecimentos do grupo diante de determinado objeto social, no âmbito da formação das representações sociais, a atitude caracteriza-se pelo comportamento de posicionamento ou tomada de decisão, em função do primeiro contato ou informação adquirida referente a alguma coisa ou circunstância, o campo de representações refere-se à percepção de imagens do modelo social, acerca de um perfil preciso do objeto da representação, que pode ser de natureza social, material ou ideal.

O desenvolvimento da função das representações sociais foi expressa por Moscovici que as diferencia da seguinte forma

em primeiro lugar, as representações convencionalizam os objectos, as pessoas e os acontecimentos, fornecendo-lhes uma definição precisa e referindo-os a uma categoria; em segundo lugar, as representações possuem uma função prescritiva, na medida em que elas se impõem com grande força aos indivíduos, ainda antes que estes devam pensar refletir, estabelecendo tradições que fixam aquilo que eles devem pensar (Moscovici, 1984: 27, apud Crespi, 1997: 223).

Contudo, estas se apresentam nas sociedades como um saber prático ou como uma explicação instintiva, esquivam-se a qualquer análise científica, é o produto de um esforço constante em transformar o estranho em familiar e o abstrato em concreto. Dependem do nível de informação dos sujeitos diante da existência dos fatos.

Para a sua construção/consolidação as informações são filtradas e só as que correspondem melhor às representações são consideradas verosímeis. Assim sendo, para se saber o que pensam os indivíduos sobre determinado assunto é imperativo saber primeiro o que sabem sobre ele (Martins, 2008: 53).

A partir das representações sociais os sujeitos vão interpretar e compreender as relações sociais de diversas formas, desenvolvendo uma representação comum do comportamento, agindo e interagindo com os outros de acordo com os comportamentos adotáveis pela sociedade. Dessas relações de interação constroem-se diferentes representações e define-se que o sujeito não age com relação ao outro, mas atua de acordo com a representação que possui do outro, é o movimento de interação entre as pessoas. Suas atitudes expressarão a pluralidade das representações, derivadas de um mesmo objeto social, variando face ao seu sistema de orientação e metáforas, conforme a história de vida de cada um, suas normas, valores, crenças, tradições e motivações (Martins, 2008).

Dependendo do contexto social em que o sujeito está inserido esse pode ter diversas opiniões ou representações sobre uma mesma realidade. A realidade do sujeito sobre um objetivo pode variar, podendo participar de diferentes situações e possuir vários sentimentos de pertença, adaptando seu discurso e condutas ao contexto mais adequado (Martins, 2008).

É lícito afirmar que a análise dos processos de integração, comportamento e participação dos indivíduos nas sociedades passa pela compreensão das representações sociais em relação aos elementos que a constituem, em relação às interações que aí se estabelecem e em relação aos resultados que se esperam atingir, tendo em conta “as suas margens de liberdade” (idem: 57).

Contudo, pretende-se entender a ligação da teoria das representações sociais com a prática das ações expressas pelos sujeitos. Na maioria dos casos os comportamentos humanos equivalem às nossas representações. Essa relação entre as representações sociais e os comportamentos possibilita dar significado, justificar e organizar os mesmos. Quando se fala “da funcionalidade das representações enquanto orientadoras dos comportamentos, estamos a referir-nos aos comportamentos representacionais” (Vala & Monteiro, 2000: 482). Nesse contexto, as representações sociais referentes à ação do sujeito como ator, configuram os elementos que constituem e definem o porque e como acontecem certos tipos de comportamentos.

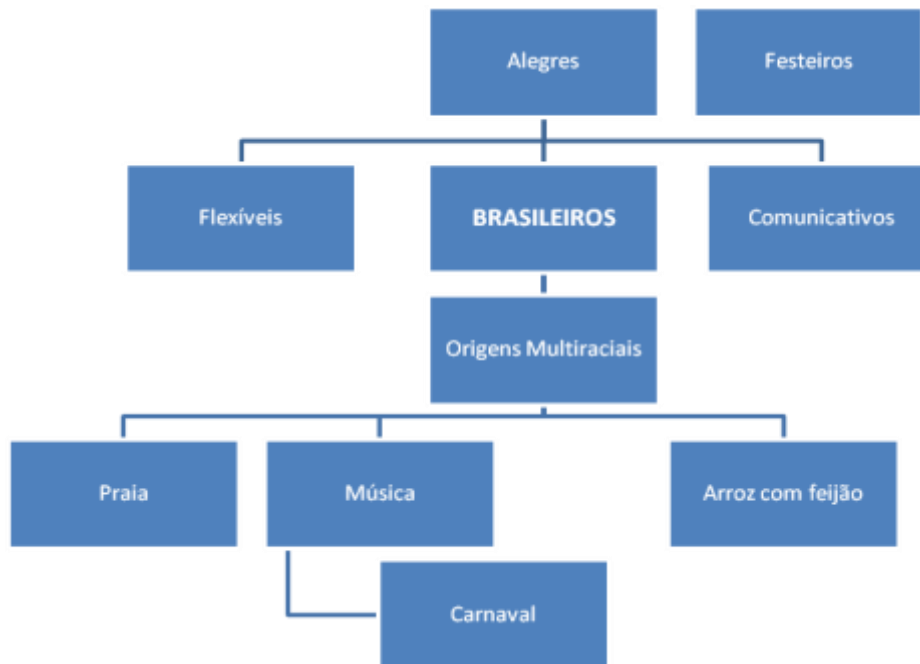
Os grupos distinguem-se por diversas características sejam sociais, culturais ou econômicas, que podem ser notadas e realçadas a partir das relações intergrupais. As representações são delineadas e justificadas conforme essas relações, que poderão ou não, desencadear comportamentos de discriminação. Previamente à interação, cada grupo possui seu sistema de representação que se refere às relações entre grupos ou pensamentos preexistentes sobre o outro, possibilitando antecipar os comportamentos alheios e as próprias ações (Vala, 2000).

Nas sociedades contemporâneas, o preconceito é verificado através dos pensamentos e práticas sociais qualificadas sob a forma de comportamentos prescritivos, hostis e generalizações, conferindo uma avaliação errônea sobre o outro. A UNESCO denomina essa categorização, como estereótipos, definindo-os da seguinte forma: “todos os membros de um grupo são descritos como tendo as mesmas características, frequentemente negativas” (UNESCO, 1995: 16).

Na abordagem da psicologia cognitiva, os estereótipos manifestam-se pela generalização ou juízos sociais das características dos membros de um grupo ou indivíduo, ou seja, identificação genérica de atributos pessoais como os traços físicos, de personalidade ou hábitos desses sujeitos. Os estereótipos são supergeneralizações, a sua descrição pode não ser verdadeira para todos os grupos, no entanto, pode fundamentar-se nalguma crença universal conhecida e ser associada a determinada característica. Como por exemplo, o fato da Itália ser reconhecida e destacar-se mundialmente pelas suas obras de arte e partir-se do pressuposto que todos os italianos são artistas. Assim, a crença nesses fatos e traços descrevem e convertem determinada informação tornando-a verdadeira (Gahagan, 1980).

A seguir utilizamos um mapa conceitual de estereótipos étnicos Figura 1, refere-se ao mapa conceitual dos brasileiros. Este representa e organiza o conhecimento, ilustrando o conjunto de crenças dedutivas (estereótipos) onde descrevemos e categorizamos qualquer grupo de pessoas (Amoretti, 2001).

Figura 2. Mapa conceitual dos brasileiros



Fonte: (Amoretti, 2001: 54).

O significado de estereótipos fundamenta-se na teoria da personalidade implícita sendo definido pela teoria compartilhada da personalidade. A teoria da personalidade implícita analisa a formação de impressões sobre o carácter dos sujeitos ou grupos. Todos emitimos pistas sobre nós próprios, através de posturas, gestos, preferências, modos de falar, etc, essas maneiras particulares de ser, são transmitidas a partir da comunicação não verbal e nos projetam à interação social e aos estereótipos.

A interação decorre mais facilmente se os comportamentos são previsíveis, de acordo com nossas expectativas, os indivíduos tendem a agrupar-se quando partilham das mesmas informações e opiniões, suprimindo a necessidade compartilhada da vida social. Na medida que os estereótipos têm efeitos comportamentais, esses podem tornar-se mais válidos (Gahagan, 1980).

Delineação da pesquisa

O presente estudo procura responder a algumas inquietações referente aos alunos estrangeiros em contexto acadêmico, procuramos examinar as representações sociais dos estudantes brasileiros para a viabilização e adaptação à sua nova realidade, destacando os procedimentos e atividades sistematicamente planejadas pela Universidade de Aveiro.

A metodologia utilizada é composta por três técnicas: recolha de dados, tratamento estatístico através do programa SPSS (*Statistical Package of Social Science - 14,0 for Windows Evaluation version*) e análise de conteúdo. O nosso estudo é empírico e baseia-se numa pesquisa quantitativa. Teve como instrumento o questionário estruturado com perguntas fechadas e abertas. Após, o acesso à fonte de dados, iniciou-se a recolha que ocorreu no

formato eletrônico junto aos alunos brasileiros de todos os níveis da Universidade de Aveiro. A pesquisa foi realizada a partir do universo de 249 alunos matriculados até o ano de 2010, atingindo uma taxa de resposta de 59%. A concretização da pesquisa pretende traçar o perfil do público-alvo para compreender suas dificuldades e necessidades face à integração na Universidade de Aveiro e a influência das representações sociais nesse processo.

A escolha do público-alvo (o grupo de alunos brasileiros da Universidade de Aveiro) deveu-se ao fato de ser uma comunidade minoritária, mas de grande destaque como população imigrante de carácter temporário em Portugal. Perfazendo, hoje, um número que representa cerca de 6% da população estrangeira estudantil desta universidade. Temos ainda a comunidade de alunos brasileiros que se estabelecem em Aveiro, pelo período de seis meses a um ano, através do intercâmbio entre Brasil e Portugal, que no momento representam cerca de 35 alunos (esse número pode variar de acordo com o período), mas que não estão matriculados na Universidade.

Expomos algumas características gerais do universo dos estudantes brasileiros que se encontram matriculados no 2º semestre de 2010. Dentre a população total de 249 alunos, 148 é do sexo feminino e 101 masculino; situam-se numa faixa etária que os caracterizam como adolescentes/jovens e adultos e encontram-se alojados nas residências universitárias 28 estudantes brasileiros. Quanto ao grau acadêmico perfazem 40 licenciandos; 91 mestrados; 7 mestrados integrados e 111 doutorandos. Os alunos da licenciatura, mestrado e doutorado são na sua maioria da área das Ciências Humanas, diferenciando-os somente no mestrado integrado no qual, todos são das Engenharias.

No que diz respeito a recolha de dados, levamos em consideração alguns aspectos, o pré-teste⁴ do questionário ter sido feito com 4 alunos (2 do mestrado e 2 do doutorado), esses não puderam responder o original por precauções em não torná-lo inválido. Contudo, existiram mais 5 alunos dos quais não obtivemos as respostas porque os e-mails foram devolvidos. Portanto, dentre os 249 alunos matriculados, 9 não puderam contribuir com as suas respostas ao nosso inquérito. Em contrapartida, 9 dos alunos que participam do intercâmbio entre Brasil e Portugal (licenciatura/não matriculados), contribuíram com as suas respostas enriquecendo ainda mais este estudo, uma vez que o universo será analisado por áreas de conhecimento e não por cursos totalizando, assim, 147 respondentes.

A recolha de dados decorreu nos meses de Março e Abril de 2010, iniciando-se com o pré-teste como referido. O questionário foi construído em formato eletrônico⁵ para ser enviado ao público-alvo através dos e-mails da UA fornecidos pela própria Universidade. O instrumento foi reenviado (3 vezes), durante o mês de Abril/2010, para obter o máximo de respostas possível.

Por fim, na apresentação e análise da informação reunida, discutimos sobre os dados e resultados obtidos de acordo com a literatura utilizada, com o propósito de compreender suas relações acerca da parte conceitual.

⁴ Poderá ser aplicado a uma pequena amostra de pessoas pertencentes ao universo da pesquisa (mas, se fizerem parte da amostra selecionada não poderão responder ao questionário original), pois esses farão suas observações e sugestões com relação ao questionário no seu todo, a fim de ser averiguado e redigido definitivamente (Carmo & Ferreira, 1998).

⁵ O Endereço de acesso: <http://questionarios.ua.pt/index.php?sid=61749&lang=pt>.

Características individuais dos respondentes

A nossa amostra representa, portanto, 59% do total. É difícil avaliar o seu grau de representatividade, mas, em alguns domínios como os do sexo, estado civil, origem geográfica, cursos em que estão matriculados, está próximo dos valores registrados nas matrículas.

Assim, dos 147 respondentes, (60,1%) são do sexo feminino e (39,9%) do sexo masculino, estando (67,6%) solteiros e (30,2%) casados; os separados e os viúvos apresentam valores residuais: (1,4% e 1%), respectivamente.

A maioria desses alunos é proveniente das regiões Sudeste (77%) e Nordeste (43,2%), mas podemos dizer que os alunos brasileiros da Universidade de Aveiro chegam de todo o Brasil. A amostra indica que (80,3%) são estudantes a tempo inteiro e (20%) estudantes trabalhadores. No que toca à sua situação econômica verificamos uma situação igualmente diversa, observamos que esses sobrevivem em Portugal tanto com < de 500 euros mensais como com 750-1000 euros mensais (29%). Possivelmente, neste item também houve uma enorme variedade de situações, pois cerca de (31,4%) dos alunos possuem bolsa para estudar em Portugal e (68,6%) não possuem.

Compõe o quadro dessa enorme diversidade o número de alunos que vivem nas residências Universitárias (24,1%) contra (75,9%) que tiveram de encontrar na cidade de Aveiro local de moradia durante o tempo dos seus estudos superiores em Portugal.

Quanto à distribuição por níveis de graduação, os respondentes estão matriculados, na licenciatura (22,3%), mestrados (37,4%), mestrados integrados (2,9%) e doutorados (37,4%). Quando questionados sobre se pretendem continuar seus estudos em Portugal, (36,5%) dos estudantes respondem afirmativamente; (19,7%) negativamente e (43,8%) ainda não sabem.

Sobre as razões da vinda do público-alvo para Portugal definimos a seguinte análise: (49,6%) apontaram que estudar é um dos motivos principais da sua vinda; (15%) admitem que vieram para adquirir mais experiência e desenvolvimento cultural; (12,6%) por causa da sua dupla cidadania; (8,6%) pela facilidade da língua portuguesa; (7,8%) através dos intercâmbios; (7,07%) pela qualidade da Universidade de Aveiro; (4,7%) estudar/morar na Europa e motivos familiares; (3,1%) pelas oportunidades em geral, bolsas de estudos, motivos pessoais e custos mais baixos, outros apontaram para questões diferentes.

Integração e relações interpessoais

Pretendemos investigar o nível de integração dos alunos brasileiros no que concerne ao contexto acadêmico na UA, nesse momento, fizemos perguntas fechadas através da escala de Likert de cinco pontos e a escala nominal. Portanto, apresentamos no Quadro 2 alguns aspectos quanto ao grau de facilidade dos alunos brasileiros referentes à sua chegada e acesso ao campus da Universidade de Aveiro.

Quadro 2. Níveis de facilidade dos alunos acerca da sua chegada/acesso ao Campus universitário

Variáveis	% Pouca facilidade					% Muita Facilidade					Nº Alunos				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Localização das instalações na UA	4,5	5,2	20,9	23,9	45,5	6	7	28	32	61					
Iniciação ao curso	6	15,8	30,8	27	20,3	8	21	41	36	27					
Contato com os professores	6	14,9	18,7	42,5	17,9	8	20	25	57	24					
Interação com os alunos do seu curso	13,4	17,9	20,9	28,4	19,4	18	24	28	38	26					
Interação com outros alunos brasileiros	17,4	14,4	13,6	24,2	30,3	23	19	18	32	40					
Contato com ambiente de lazer em comum na UA	23	19,4	26,9	17,9	12,7	31	26	36	24	17					
Canais de informação aos estudantes estrangeiros	34,3	26,9	23,9	8,2	6,7	46	36	32	11	9					
Acomodação/moradia	24,4	16	29	14,5	16	32	21	38	19	21					
Metodologias de ensino e avaliações	9	17,2	33,6	26	14,2	12	23	45	35	19					
Outros	43,9	12,2	26,8	9,8	7,3	18	5	11	4	3					

No domínio da integração na Universidade de Aveiro, examinamos com o auxílio da escala de Likert, os seguintes níveis (pouca facilidade, média facilidade, facilidade razoável, facilidade e muita facilidade), atendendo às variáveis (localização das instalações na UA; iniciação ao curso; contato com os professores; interação com alunos do seu curso; interação com outros alunos brasileiros; contato com ambientes de lazer em comum na UA; canais de informação aos estudantes estrangeiros; acomodação/moradia e outros).

Assim, é possível afirmar que a maioria dos alunos não teve dificuldades de adaptação às instalações da Universidade: (4,5%) dos estudantes tiveram pouca facilidade; (5,2%) tiveram média facilidade; (20,9%) tiveram facilidade razoável; (23,9%) tiveram facilidade e (45,5%) muita facilidade.

Resultado idêntico foi obtido quando inquiridos sobre a facilidade de iniciação ao curso: (6%) dos alunos teve pouca facilidade; (15,8%) média facilidade; (30,8%) tiveram facilidade razoável; (27%) tiveram facilidade e (20,3%) muita facilidade, e o mesmo se pode dizer quanto ao seu primeiro contato com os professores: (6%) dos alunos teve pouca

facilidade; (14,9%) média facilidade; (18,7%) tiveram facilidade razoável; (42,5%) tiveram facilidade e (17,9%) muita facilidade. No tocante à sua interação com outros alunos brasileiros: (17,4%) tiveram pouca facilidade; (14,4%) média facilidade; (13,6%) tiveram facilidade razoável; (24,2%) tiveram facilidade e (30,3%) muita facilidade.

Ligeiramente diferentes são os resultados referentes à interação com os alunos do seu curso, mas, ainda assim muito positivos: (13,4%) dos alunos teve pouca facilidade; (17,9%) média facilidade; (20,9%) tiveram facilidade razoável; (28,4%) tiveram facilidade e (19,4%) muita facilidade. E o mesmo se poderia dizer no que concerne ao encontrar ambientes de lazer em comum na UA: (23%) dos alunos teve pouca facilidade; (19,4%) média facilidade; (26,9%) tiveram facilidade razoável; (17,9%) tiveram facilidade e (12,7%) muita facilidade.

Quanto ao acesso à diversa informação fornecida aos estudantes estrangeiros, (34,3%) dos alunos teve pouca facilidade; (26,9%) média facilidade; (23,9%) tiveram facilidade razoável; (8,2%) tiveram facilidade e (6,7%) muita facilidade. Atentemos, agora, às respostas referentes à sua acomodação ou alojamento: (24,4%) dos alunos diz ter tido pouca facilidade, mas os restantes não sentiram dificuldades, (16%) média facilidade; (29%) facilidade razoável; (14,5%) facilidade e (16%) muita facilidade.

No domínio das metodologias de ensino e avaliação, (9%) dos alunos afirmou ter tido pouca facilidade; (17,2%) média facilidade; (33,6%) facilidade razoável; (26,1%) facilidade e (14,2%) muita facilidade. Outros aspectos foram exteriorizados revelando ter pouca facilidade (43,9%), no que diz respeito à falta, clareza e difícil comunicação referente às informações acadêmicas como, documentações, bolsas, abertura de contas para os alunos estrangeiros.

Quadro 3. Níveis de facilidade dos alunos acerca de sua adaptação/inserção a cidade de Aveiro

Variáveis	% Pouca facilidade				% Muita Facilidade	Nº Alunos				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Língua Portuguesa	2,2	8,2	14,9	37,3	37,3	3	11	20	50	50
Orientar-se na cidade de Aveiro	0,7	3	11,9	34,3	50	1	4	16	46	67
Costumes e hábitos locais	3	9	18,8	43,6	25,6	4	12	25	58	34
Ausência de familiares	21,5	23	29,2	21,5	4,6	28	30	38	28	6
Outros	33,3	-	16,7	-	50	2	-	1	-	3

O grau de integração na vida desses estudantes na cidade de Aveiro é ainda mais esclarecedor, verificamos no tocante à língua portuguesa de Portugal, (2,2%) dos alunos diz ter tido pouca facilidade; (8,2%) média facilidade; (14,9%) facilidade razoável; (37,3%) facilidade e muita facilidade. O mesmo se passa quando inquiridos sobre orientar-se na cidade de Aveiro, (0,7%) dos alunos tiveram pouca facilidade; (3%) média facilidade; (11,9%) facilidade razoável; (34,3%) facilidade e (50%) muita facilidade.

De resto, as respostas são idênticas quando questionados sobre a sua adaptação aos costumes e hábitos locais: (3%) dos alunos sentiu pouca facilidade; (9%) média facilidade; (18,8%) facilidade razoável; (43,6%) facilidade e (25,6%) muita facilidade.

Quanto às dificuldades sentidas pela ausência dos familiares, (21,5%) dos alunos afirmaram ter tido pouca facilidade; (23,1%) média facilidade; (29,2%) facilidade razoável; (21,5%) facilidade e (4,6%) muita facilidade. Referente a opção quanto a outras questões os alunos não descreveram a sua opinião.

Atendemos, agora, a avaliação que estes alunos fazem a diversos aspectos da vida acadêmica.

Quadro 4. Níveis de satisfação dos alunos referente a sua integração ao meio acadêmico

Variáveis	% Pouco satisfeito		% Muito satisfeito			Nº Alunos				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Estilo de vida atual	5,3	4,6	27,5	44,3	18,3	7	6	36	58	24
Disponibilidade/ Receptividade individual	2,3	9,2	25,4	44,6	18,5	3	12	33	58	24
Conhecimentos adquiridos	0,8	2,3	23,5	42,4	31	1	3	31	56	41
Instalações acadêmicas	1,5	2,3	28,2	38,9	29	2	3	37	51	38
Espaço de convivência para estrangeiros e amigos	13,2	14,7	39,5	20,2	12,4	17	19	51	26	16
Apoio dos profes-sores	7,6	9,2	35	31,3	16,8	10	12	46	41	22

Apoio aos estudantes – Ação Social	24,8	24	26,4	17,6	7,2	31	30	33	22	9
Assistência médica	22	23,7	38	11,9	4,2	26	28	45	14	5
Outros	-	50	-	-	50	-	1	-	-	1

Acerca da satisfação relativo ao seu estilo de vida atual: (5,3%) está pouco satisfeito; (4,6%) satisfeito medianamente; (27,5%) satisfação razoável; (44,3%) satisfeito e (18,3%) muito satisfeito.

No que respeita à sua disponibilidade/receptividade individual: (2,3%) está pouco satisfeito; (9,2%) satisfeito medianamente; (25,4%) satisfação razoável; (44,6%) satisfeito e (18,5%) muito satisfeito. Relativo à sua satisfação quanto aos conhecimentos adquiridos esses respondem positivamente: (0,8%) está pouco satisfeito; (2,3%) satisfeito medianamente; (23,5%) satisfação razoável; (42,4%) satisfeito e (31%) muito satisfeito.

A seguir, apresentamos a opinião deles quanto às instalações acadêmicas: (1,5%) está pouco satisfeito; (2,3%) satisfeito medianamente; (28,2%) satisfação razoável; (38,9%) satisfeito e (29%) muito satisfeito. No que tange ao espaço de convivência para estrangeiros e amigos no meio universitário, (13,2%) mostram-se poucos satisfeitos; (14,7%) satisfeitos medianamente; (39,5%) com satisfação razoável; (20,2%) satisfeitos e (12,4%) muito satisfeitos.

Referindo-se ao apoio dos professores: (7,6%) mostraram-se pouco satisfeitos; (9,2%) satisfeitos medianamente; (35%) satisfeitos razoavelmente; (31,3%) satisfeitos e (16,8%) muito satisfeitos. Diversa é a apreciação que estes alunos fazem do apoio aos estudantes pelos serviços de ação social: (24,8%) disseram estar pouco satisfeitos; (24%) satisfeitos medianamente; (26,4%) satisfação razoável; (17,6%) satisfeitos e (7,2%) muito satisfeitos. Idênticos resultados se verificam no que diz respeito à assistência médica: (22%) pouco satisfeitos; (23,7%) satisfeitos medianamente; (38%) satisfeitos razoavelmente; (11,9%) satisfeitos e (4,2%) muito satisfeitos. Quanto à opção outros resultados apontam para valores residuais.

Prosseguimos, expondo os resultados de outros aspectos relacionados com a integração destes estudantes no meio social e acadêmico, a partir da escala nominal em quatro níveis (sim, não, algumas vezes e nunca pensei nisso), correspondendo às variáveis.

1. Sente dificuldade em relacionar-se com grupos de alunos estrangeiros?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
13	60	44	15
9,8%	45,5%	33,3%	11,4%

2. Gosta de introduzir-se em grupos distintos e culturas diferentes?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
99	5	22	6

75%	3,8%	16,7%	4,5%
-----	------	-------	------

3. Sente dificuldade em relacionar-se com os portugueses?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
24	56	54	-
17,9%	41,8%	40,3%	-

4. Sente dificuldades em relacionar-se com os profissionais acadêmicos?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
16	76	42	-
11,9%	56,7%	31,3%	-

5. Participa de alguma atividade de integração promovida pela Universidade?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
18	98	15	3
13,4%	73%	11,2%	2,2%

5. Morar nas residências universitárias facilita o acesso/inserção aos programas de integração dos alunos estrangeiros?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
44	19	17	48
34,4%	14,8%	13,3%	37,5%

Por fim, quando questionados sobre o regresso ao Brasil após a conclusão do curso, a maioria manifestou desejo de voltar: (65,6%) dos alunos responderam que sim; (15,3%) que não; (10,7%) possivelmente e (8,4%) disseram nunca terem pensado nisso.

A relevância dos resultados obtidos sobre a adaptação do grupo alvo ao contexto acadêmico. Sobrevêm a propósito, de examinar as comuns dificuldades de integração que esses podem enfrentar no seu cotidiano. Nesse sentido, vários aspectos foram considerados como, diferenças culturais, mudanças de hábitos, distância dos familiares e amigos e o sistema de ensino diferenciado do país de origem. A adaptação ao ensino superior num país estrangeiro é uma fase de transição, mesmo que voluntária, pode ser geradora de stress, fonte de solidão e desinteresse (Wintre & Sugar, 2000).

Representações sociais dos alunos brasileiros

Esta parte do inquérito visa analisar as representações sociais no cotidiano acadêmico dos alunos brasileiros e justifica-se através dos estudos de William Doise (1976:1984) sobre a articulação psicossociológica e as relações entre grupos. O autor refere que

o processo de diferenciação categorial constitui um processo psicossociológico que esclarece o modo como, em variadas situações, uma realidade social constituída por grupos se constrói e afeta os comportamentos dos indivíduos que, por seu turno, interagem e corroboram esta realidade (Doise, 1976:1984, apud Cabecinhas, 2002: 169).

Neste contexto, prosseguimos com uma série de perguntas acerca das representações sociais desses alunos.

1. Considera que os alunos brasileiros sentem-se livres para expressar suas tradições e costumes no ambiente acadêmico?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
44	36	43	7
33,8%	27,7%	33%	5,4%

2. Considera que os alunos brasileiros encontram dificuldades culturais (em manter seus valores e costumes) nos relacionamentos, com seus pares e amigos, de outras nacionalidades?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
32	51	39	7
24,8%	39,5%	30,2%	5,4%

A próxima questão refere-se aos 71 alunos que consideram existir situações nesse sentido reportando-nos para o quadro seguinte.

3. De acordo com a alínea b da pergunta anterior, indique a(s) opção(ões) desejada(s):

Opções	%	Nº Alunos
Ruídos de Comunicação	18,4	27
Preconceitos, sexuais, culturais e outros	31,3	46
Comportamentos/ atitudes	39,5	58
Outros	0,7	2

No Quadro 3b., alguns dos 71 alunos respondentes, apontam mais de uma opção. Contudo, (39,5%) considera ter dificuldades culturais com relação a comportamentos e atitudes, nos relacionamentos com seus pares e amigos de outras nacionalidades.

4. Considera existirem estereótipos e preconceitos negativos, por parte dos portugueses (e outros), contra os brasileiros?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
78	8	39	3
60,9%	6,3%	30,5%	2,3%

5. Considera ter vivenciado algum episódio ou situação de preconceito e discriminação na sua trajetória sob forma de olhares, palavras indelicadas ou comportamentos reprováveis no meio acadêmico?

Sim	Não	Algumas vezes	Nunca pensei nisso
59	42	17	10
46%	32,8%	13,3%	7,8%

6. Esses comportamentos verificam-se apenas por parte dos alunos ou também por parte de professores e população em geral?

Só alunos	Só professores	Senti isso somente com alguns alunos e professores	Não na Universidade de Aveiro, só lá fora	Tanto na Universidade, como fora
7	3	22	16	71
5,9%	2,5%	18,5%	13,4%	59,7%
119 responderam a essa questão.				

Contrário às nossas expectativas (as questões 4, 5 e 6), ilustram resultados que remetem à sociabilidade negativa com dominância à discriminação (preconceitos depreciativos contra brasileiros). (46%) dos inquiridos afirmam ter vivenciado, em sua trajetória, algum tipo de situação discriminatória e (13,3%) vivenciaram esses acontecimentos, algumas vezes. Ao mesmo tempo que (60,9%) considera existir estereótipos e preconceitos negativos, por parte dos portugueses (e outros), contra os brasileiros. Contudo, (59,7%) afirma que essas atitudes ocorreram não somente no ambiente acadêmico mas também fora da Universidade.

Por fim, a última parte do questionário constitui-se exclusivamente pela escala de Likert de 5 pontos.

① Discordo totalmente ② Discordo ③ Não concordo nem discordo ④ Concordo ⑤ Concordo totalmente

Verificamos a partir dos resultados obtidos que as respostas associadas a instrumentalidade negativa não influenciam diretamente, nesse caso específico, nos resultados da sua sociabilidade positiva. Essa questão pode ser confirmada mediante a última pergunta do nosso questionário, quando o grupo-alvo (④Concorda 48,8%), sobre sentirem-se integrados de forma geral no ambiente acadêmico.

Conclusão

A educação intercultural torna-se uma ferramenta que nos incita a repensar sobre os mecanismos de integração e de desenvolvimento do sistema educativo, para promover o respeito às diferenças e incentivar atitudes em prol dos Direitos Humanos. Neste sentido, foi nossa intenção perceber como funciona a organização dos atores incorporados num espaço

social comum, suas relações intergrupais, seu envolvimento com as diferenças étnicas e culturais e sua adaptação ao contexto universitário. Entender como os indivíduos desenvolvem através das representações sociais suas opiniões e atitudes com relação ao outro e as suas diversidades.

Debruçamos nos estudos de Serge Moscovici e seus pesquisadores para conhecer o processo de construção do senso comum e da consolidação das generalizações e estereótipos. A teoria da representação social e dos estereótipos caracterizam o significado simbólico do consenso dos conteúdos tendo como referência um universo de valores comuns (Cabecinhas, 2002). Deste modo, reconhecemos que foi no domínio das relações socioculturais que os inquiridos manifestam maiores dificuldades. Discutiremos, portanto, a pertinência dos dados apresentados com relação aos objetivos propostos.

Numa visão global dos resultados refletimos sobre as influências históricas, culturais e linguísticas que Portugal e Brasil estabelecem. Podemos analisar esta questão quando os respondentes apontam como motivo de sua vinda para Portugal, além dos estudos (49,6%), experiências e desenvolvimento cultural (19%), dupla nacionalidade (12,6%) e facilidade da língua (8,6%). Confirmando a relação de amizade e a necessidade de integração dos imigrantes entre os países.

Verificamos que o público-alvo concorda (41,5%) ou concorda totalmente (26,8%), quando questionados sobre sentirem que as generalizações referidas a estereótipos negativos dos brasileiros influenciam no seu cotidiano. Identificamos que essas respostas relacionam-se com os mecanismos de subjetivação e construção das imagens que possuímos de nós, dos outros e vice-versa. Não apenas pela mídia que tende a passar uma imagem de hipersexualidade relacionada aos brasileiros, mas como resultado de uma cultura globalizante que interfere na composição das identidades, na formação de opiniões e comportamentos (Pereira, 2011). Essa imagem pré estabelecida pode gerar atitudes de preconceito como também, de defesa contra os mesmos.

O fato dos alunos brasileiros referirem ter vivenciado (46%) algum episódio ou situação de preconceito e discriminação no meio acadêmico; de sentir que existem estereótipos e preconceitos negativos contra os brasileiros (60,9%); de sentir que esses se verificam tanto na Universidade como fora (59,7%), através de comportamentos e atitudes (39,5%), indica que essa opinião, mais desfavorável, pode estar relacionada a xenofobia ainda persistente em Portugal. No entanto, a Universidade de Aveiro tem trabalhado através dos Serviços de Ação Social, em prol das necessidades dos alunos como já mencionado. A UA é uma instituição que investe em políticas de integração para os estudantes estrangeiros, se preocupando com o seu bem-estar e desenvolvimento pessoal e social.

Analisando a globalidade das respostas, percebemos que os estudantes brasileiros revelam e manifestam representações afetivas muito positivas quanto ao seu processo de integração na Universidade, comprovando que os sentimentos de discriminação apontados pelo público-alvo não influenciam nem impedem a sua satisfação e adaptação na Universidade e cidade de Aveiro. Nesse sentido, examinando os resultados, reconhecemos que os sentimentos de discriminação apontados pelos alunos brasileiros estão relacionados a diversas interpretações. Esclarecemos que mesmo com todas as afinidades e relação de amizade entre os países, existem choques culturais que podem conduzir a estes sentimentos.

Para traçar um perfil preciso dos alunos brasileiros desta universidade e classificar suas representações sociais, teríamos que nos aprofundar nas questões relacionadas a psicologia social e inquirir outros estudantes nacionais e estrangeiros a fim de comprovar de forma mais efetiva a existência de comportamentos discriminatórios e da xenofobia. Contudo, não fizemos uma pesquisa empírica diretamente ligada a esta questão.

Constitui-se um grande desafio para a comunidade acadêmica a situação de diversidade que caracteriza o ensino superior, exigindo novas formas de comunicação no sistema educativo e sociedade em geral. Na nossa perspectiva, é fundamental e indiscutível a presença do diálogo intercultural no ensino superior, assegurando o sucesso dos relacionamentos e a plena integração dos estudantes estrangeiros.

Apesar dos alunos brasileiros se sentirem adaptados e integrados na Universidade, persistem algumas dificuldades culturais e de relacionamentos. Embora o sentimento de discriminação exista por parte desses alunos sabemos que essa realidade, atualmente, tende a ser modificada. Acreditamos que a sociedade contemporânea tem se conscientizado a cada dia, principalmente no ensino superior, que tem investido na sua internacionalização, promovendo a igualdade de oportunidades.

Contudo, esperamos ter colaborado para uma nova referência sobre o universo de alunos brasileiros em Portugal. Reconhecemos ser ainda necessário desenvolver mais trabalhos e com mais profundidade em vários aspectos, conhecendo a real situação, sentimentos, dificuldades e pretensões dos alunos brasileiros do ensino superior no país.

Referências

ANDRADE, Ana Maria Jung de, & TEIXEIRA, M. A. P. **Adaptação à universidade de estudantes internacionais**: um estudo com alunos de um programa de convênio. Revista Brasileira de orientação profissional. São Paulo: 2009. vol. 10. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902009000100006&script=sci_arttext. Acesso: 10/04/2011.

AMORETTI, Maria Suzana Marc. Protótipos e estereótipos: aprendizagem de conceitos Mapas Conceituais: experiência em Educação a Distância. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, vol. 4, 2001.

ATAÍDE, Rosário. **Estudante do Ensino Universitário**: necessidade e desafios. In A. S. Pereira & E. D. Motta (Eds.), *Ação social e aconselhamento psicológico no ensino superior Investigação e Intervenção*. Coimbra: SASUC Edições. 2005.

BIROU, Alain. **Dicionário das Ciências Sociais**. Lisboa: Dom Quixote. (5ª ed). 1982.

CABECINHAS, Rosa. **Racismo e etnicidade em Portugal**: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias. 2002. Tese de Doutorado no Instituto de Ciências Sociais especialização em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho. Braga. 2002.

COSTA, Wilse Arena da, & ALMEIDA, A. M. d. O. **Teoria das Representações Sociais:** uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. Revista UFMT. 1998. 007. Disponível em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html. Acesso: 05/07/2010.

CRESPI, Franco. **Manual de Sociologia da Cultura.** Lisboa: Editorial Estampa. (1ª ed.) 1997.

GAHAGAN, Judy. **Comportamento interpessoal e de grupo.** Rio de Janeiro: Zahar editores. (2ª ed.). 1980.

JODELET, Denise. **La representación social: fenómenos, concepto y teoría.** Barcelona: Ediciones Paidós. 1986.

MAALOUF, Amin. **Les identités meurtrières.** Paris: Gasset & Fasquelle. 1998.

MARTINS, António Sota. **A escola e a escolarização em Portugal** - Representações dos Imigrantes da Europa do Leste. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação. Alto Comissariado para imigração e diálogo intercultural. 2008.

MOREIRA, Carlos Diogo. **Planeamento e Estratégias da Investigação Social.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa. 1994.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais Investigação em psicologia social.** (P. A. Guareschi, Trans.). Petrópolis -RJ: Vozes. (6ª ed.). 2009.

PEREIRA, Danielle Duque de Souza. **Representações Sociais dos licenciandos da UA sobre a homossexualidade.** 2011. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Aveiro. Aveiro. 2011.

PEROTTI, António. **Apologia Intercultural.** (M. H. Oliveira, Trans.). Lisboa: Ministério da Educação. (1ª ed.). 1997.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes. 1996.

SÉRGIO, Patrícia Cristina Cuco. **Língua Portuguesa e integração.** 2007. Dissertação de Mestrado no Departamento de Didática e Tecnologia Educativa. Universidade de Aveiro, Aveiro. 2007.

UNESCO. **Tolerância**: limiar da paz manual educativo para utilização das comunidades e das escolas. Lisboa: Ministério da Educação. 1995.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes**: poderemos viver juntos? (C. A. d. Brito, Trans. Instituto Piaget ed.). Lisboa: Epistemologia e sociedade. 1997.

VALA, Jorge, & Monteiro, M. B. **Psicologia Social**. Lisboa: Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª ed.). 2000.

WERTHEIN, Jorge & CUNHA, C. d. A UNESCO e as novas perspectivas para o desenvolvimento do Ensino Superior. **EccoS revista científica**, 2, 91-107. 2000.

WINTRE, M. G., & SUGAR, A. L. Relationships with parents, personality, and the university transition. **Journal of College Student Development**, 41 (2), 202-214. 2000.